

Volume 01 - n.º 02 - dez/2020

A Liter Açã

revista Fluxos

Revista Fluxos

Volume 01 - nº 02 - dez/2020

A Revista Fluxos é uma publicação independente, com periodicidade trimestral e publicada exclusivamente, de forma virtual e gratuita, no Blog A Liter Ação.

Editor Responsável - Roman Lopes

Conselho Editorial:

**Franklin Jones
Janethe Fontes
Juliana Manzano
Roman Lopes**

Todos os textos foram revisados pela equipe do Conselho Editorial e as alterações foram autorizadas pelas autoras e pelos autores.

Os textos aqui publicados foram autorizados e podem ser reproduzidos livremente, desde que sejam preservados os nomes das autoras e dos autores, bem como seja citada a fonte.

**Endereço do Blog - <https://a-liter-acao.blogspot.com>
Página no Facebook - <https://www.facebook.com/A.Liter.Acao4/>
Perfil no Twitter - @AcaoLiter
Perfil no Instagram - aliteracao4**

A foto da capa é de autoria de Peter H. e a foto da capa final é de autoria de Shujon Moral. Ambas foram retiradas do site: www.pixabay.com/pt/

As fotos das páginas são de arquivo pessoal de equipe do Conselho Editorial.

© Todos os direitos reservados

Editorial

Continuamos, felizes, uma jornada em que compartilhamos a boniteza das palavras que, vindas das mais diversas vivências espaciais e temporais, tornaram-se também nossas, graças à generosidade das autoras e dos autores que resolveram multiplicar essas palavras ao expoente da maravilha!

Esse segundo número da Revista Fluxos consolida a nossa vontade e o nosso compromisso com um lugar onde as palavras fluem livremente, sem nenhum tipo de pré-concepção, seja no campo estético, seja no campo ideológico...

A nossa equipe editorial continua permeando todo o processo, desde a publicação do chamamento até a escolha dos textos, com muito carinho e atenção, para que as palavras apresentadas em nossas páginas reflitam a grandeza das pessoas que encantadoramente constroem narrativas entremeadas das mais intensas emoções e das mais amplas ideias...

A nossa revista terá, em todas as suas edições, que serão trimestrais, quatro seções, além desse editorial:

*** Espirais Poéticos – seção reservada aos textos em versos;**

*** Narrativas em Devir – seção reservada aos textos ficcionais em prosa;**

*** Conversas Insinuosas – seção reservada aos textos ensaísticos;**

*** Fluxos Dramáticos – seção reservada aos textos teatrais.**

Queremos, mais uma vez, homenagear todas as escritoras e todos os escritores que, por razões meramente circunstanciais, não puderam estar presentes nessas páginas. Saibam que a nossa honra em poder saborear as palavras de vocês foi enorme e esperamos que vocês continuem a nos brindar com as suas criações...

Às nossas novas companheiras e aos nossos novos companheiros de jornada, queremos parabenizar e dizer que a felicidade em tatuarmos suas palavras em nossas peles-páginas é imensa! Que possamos continuar juntas e juntos nessa aventura literária e artística que é a vida, seja por quais caminhos sigamos...

E às nossas leitoras e leitores damos, mais uma vez, as boas vindas. Que a experiência de descortinar as mais diversas criações a seguir seja profunda, emocionante e plena!

Há braços!

**Roman Lopes
Editor Responsável**

SUMÁRIO

Seção Espirais Poéticas

<i>Rotina</i>	<i>08</i>
<i>Favela</i>	<i>10</i>
<i>Desilusão</i>	<i>11</i>
<i>Desmundo</i>	<i>12</i>
<i>Geometria</i>	<i>13</i>
<i>Guerreiros</i>	<i>14</i>
<i>O Passarinho</i>	<i>16</i>
<i>Renascimento</i>	<i>17</i>
<i>Transposição</i>	<i>18</i>
<i>Versos Intrincados</i>	<i>19</i>
<i>Tu Que Não Gritas de Dor</i>	<i>20</i>
<i>Cristãos do Messias Errado</i>	<i>22</i>
<i>Seu Moço Eu Conheço Esse Rio</i>	<i>23</i>

Seção Narrativas em Devir

<i>Deus Cronos Que Devora Seus Filhos</i>	<i>26</i>
<i>O Menino Que Nasceu Sem Umbigo</i>	<i>28</i>
<i>O Cão Com Coração de Poeta</i>	<i>32</i>
<i>Devaneios da Saudade</i>	<i>36</i>
<i>Última Descoberta</i>	<i>38</i>
<i>O Brilho do Ouro</i>	<i>40</i>
<i>Os Ponteiros</i>	<i>44</i>
<i>Sei-te de Cor</i>	<i>45</i>
<i>O Poço</i>	<i>47</i>

Seção Conversas Insinuosas

<i>Charuto</i>	<i>52</i>
<i>A Salvação Vem Pela Arte</i>	<i>56</i>

Seção Fluxos Dramáticos

<i>Dejà Vu</i>	<i>59</i>
<i>Porque Ficar</i>	<i>61</i>
<i>Sujeitos Ocultos</i>	<i>63</i>
<i>Posso Dormir um Pouquinho</i>	<i>70</i>

***ESPIRAIS
POÉTICOS***

ROTINA

Pernas
Pernas apressadas
Apressadas pernas
Correm
De um lado
Para o outro
De um lado
Para o outro
Param
Gritam
Correm
Param
Gritam
Correm
Para onde estão indo com tanta pressa?

Rodas
Rodas apressadas
Apressadas rodas
Correm
De um lado
Para o outro
De um lado
Para o outro
Param
Buzinam
Correm
Param
Buzinam
Correm
Para onde estão indo com tanta pressa?

***Seus lugares de origem
E destino
São os mesmos
Todos os dias***

***Vão
E voltam
Vão
E voltam***

***Ganham dinheiro
Compram coisas***

As coisas estragam

***Ganham mais dinheiro
Compram mais coisas***

As coisas mais também estragam

***As pernas cansam
Os pneus furam
E a vida...***

A vida...

A vida passa!

***Autor: Ardinel Friôri
Belo Horizonte - MG***

FAVELA

*Corre nas ruelas... quase alcança a porta,
lá em cima, onde nem luz havia.
A noite se enche de tiros, gritos e gemidos.
O sangue não corre pela rua, a terra o absorve.
O medo espia pelas frestas, os corações disparam.
A mãe abafa a boca do bebê que chora.
Mãos rápidas se benzem.
Gritos lancinantes morrem nas gargantas.
De lábios trêmulos, palavra nenhuma escapa.
Pega o terço, vence o medo,
vence os braços que a prendem,
chega junto ao filho que agoniza.
A noite se enche de tiros, gritos e gemidos.
O sangue não corre pela rua, a terra o absorve.
O medo espia pelas frestas, os corações disparam.
A mãe abafa a boca do bebê que chora.
Mãos rápidas se benzem.
Gritos lancinantes morrem nas gargantas.
De lábios trêmulos, palavra nenhuma escapa.
É lá em cima, onde nem luz havia,
a escuridão só quebrada pelo brilho das estrelas
e no lampejo na boca do revólver.
Lá em cima, onde Justiça não havia.*

**Autora: Maria Aparecida Sanches Coquemala
Itararé - SP**

DESILUSÃO

Para meus avós.

*O mundo já não tem tantos amores
Desde quando você partiu.
O jardim não tem mais flores,
Nem exala perfumes mil.*

*A casa já não mais tem essência
E o pomar ficou abandonado:
Morreu de abstinência
Por não mais ser frequentado.*

*As paredes tornaram-se serenas –
Cessaram-se risos e conversas.
Restaram apenas saudosas cenas,
Lembranças e palavras dispersas.*

*A cozinha não tem mais aromas:
Não há mais ruídos nem sabores.
Foi-se o tempo das guloseimas,
Da meninez apagaram-se as cores.*

*Não há mais o frescor da juventude,
Nem tampouco o vigor da união.
A utopia da perfeição era virtude
E a harmonia nada era além de ilusão.*

***Autora: Camila Cristina Crosnag Fracalossi
Ananindeua – PA***

DESMUNDO

*Coração que pulsa
vermelho: sangra, tem medo,
bate no peito fechado:
poucas vezes, ritmado,
outras só, em desespero.
Nele: a emoção do pecado,
o amor abençoado,
a pungência da paixão que ferve brava.
Se vago no mundo áspero
e léguas de vida atravesso,
é ele que em mim carrego,
com um chorar: quase eterno.*

*Desejei um coração forte,
aguerrido, valente, concreto;
mas tenho por dentro uma colagem,
que ora é nobreza, ora é covarde,
ora grito, ora vã fragilidade.*

*Em meu coração desnudo
vive um crepúsculo, um profundo,
um poço, um escuro
de vida: vagos insumos.
– Cabe um desmundo de mim.*

***Autora: Gisela Peçanha
Niterói - RJ***

GEOMETRIA

*De uma reta constante
Ou na curva em construção,
A minha meta errante
É linha de abstração.*

*A elipse sem tangentes
Vê seus focos por momentos,
Circulantes, sorridentes,
Nos meus cônicos sentimentos.*

*Vértices considerados
Poliedros de Platão,
Figuras de tantos lados,
Melindres de um coração.*

*As paralelas são pares
Derramando sua luz,
Retas perpendiculares
São sombras da minha cruz.*

*Há pontos equidistantes
Do centro, na efervescência,
Raios de sonhos distantes
Dentro da circunferência.*

*Ternura de eternos laços,
Amores em simetria,
Réguas, cadernos, compassos,
Valores da geometria.*

Autor: Hipólito Rivail Duarte
São José dos Campos - SP

GUERREIROS

*Nas minhas veias
Corre o sangue
De um guerreiro,
Trazido para este solo
Nos vis navios negreiros.*

*Minha voz
Ecoa um grito derradeiro,
Grito de homem livre,
Feito prisioneiro.*

*Nas minhas costas
Estão as marcas da opressão,
O castigo do senhor,
A cruel escravidão.*

*Minhas mãos
Manejavam arco e flecha,
Vivendo em comunhão,
Em harmonia com a floresta.*

*Meus olhos
Enxergaram a destruição,
O custo do progresso,
A tal civilização.*

*Avistaram também
O fim de um mundo,
Extermínio do meu povo,
O mal profundo.*

***São olhos de saudades,
De lágrimas e ais,
Da terra amada
Dos meus ancestrais.***

***Meus pés descalços
Desbravaram a beleza,
O encanto da mata
Da mãe natureza.***

***Sou índio.
Sou negro.
Sou guerreiro.***

***Meu sangue é brasil.
Sangue brasileiro.***

***Autor: Robinson Silva Alves
Coaraci - BA***

O PASSARINHO

*Já tem asas, passarinho,
Vou deixar você voar,
Libertá-lo do meu ninho,
Vá, encontre o seu caminho,
Não, não chore! Ande! Vá!*

*Vá que o mundo, passarinho,
É tão grande, é todo seu.
Não importa o que aconteça,
Nem te esqueço, nem me esqueça,
O que fomos, não morreu.*

*Se encoraje, passarinho,
Bata as asas, ouça o som.
Examina o mundo afora,
Mas não vá a outra gaiola,
Voe só, vê como é bom.*

*Vá-se embora, passarinho,
Porém se quiser voltar,
A gaiola é sempre sua
E já corro para a rua
Só de ouvir o seu piar.*

Autor: Leandro Andreo
São Paulo - SP

RENASCIMENTO

**Com a queda da chuva cai a última lágrima
Branca, em busca de paz,
Esvaziando o íntimo do meu ser,
Lavando a dor,
O ódio,
O medo,
A incerteza.**

**Com a queda da chuva vão-se todos os tormentos,
Sou agora folha em branco
Esperando as cores que me aguardam,
Para me encher de amor,
De esperança,
De alegria,
De sentimentos.**

**Vejo em mim, então, uma possibilidade
Aberta ao mundo.
Sou recém-nascida nessa terra de vilões,
Dessa vez eu não sou como antes,
Sou água,
Terra,
Ar,
E fogo.**

Dessa vez eu sou imensidão.

**Autora: Bianca Duarte
São Paulo – SP**

TRANSPOSIÇÃO

**Chegou a hora,
A hora da transposição.
Coloco-me aqui, neste
ponto crucial.
Olho para trás,
Caminho longo percorrido.
Penso:
Quantas pedras no meio do caminho.
Viro-me, fito o horizonte-ponte.
Deste lado, a segurança,
o espelho, o chão firme.
Do outro lado, a incerteza,
o escuro, o desconhecido.
Entre esta e a outra margem
um terrível obstáculo...
Aqui, vozes profundas
convidando-me a ficar;
Lá, um silêncio gritante
excitando-me a passar.
O coração palpita apressadamente,
a boca (seca) reflete a agonia da mente.
É tudo tão simples,
no entanto, complicado;
dia e noite,
inverno e verão,
inferno e paraíso,
razão e coração.
Norte e sul,
fragilidade e poder
verde e azul,
ser ou não ser...
E agora, o que fazer?**

**Autor: Cristian Wagner de Souza
Itariri – SP**

VERSOS INTRINCADOS

*Tantos versos abandonados,
Rascunhos do meu coração.
Em folhas soltas, rabiscados,
Rasgados, lançados ao chão.*

*Numerosos assuntos complexos,
Orbitam os plexos da composição,
Em escuros labirintos desconexos,
Emaranhados à voz da irreflexão.*

*Tantas rimas confusas e revoltas,
Por detrás da porta da inspiração.
Todas por divergências envoltas,
Imersas em profunda indignação!*

*Tantos poemas estagnados e inacabados,
Pelos descontinuados caminhos da razão.
Todos à não existência estão condenados,
Esquecidos por humana e exaurível mão.*

Autora: Aline Bischoff
Osasco – SP

TU QUE NÃO GRITAS DE DOR

*Procuro palavras em minhas próprias mãos
como quem, em meio à guerra e à fome,
procura na lama e no óleo grãos que comer.
O mundo inteiro não mata essa fome.
O mundo inteiro tem fome dessa fome.*

*Tenho tido muito medo ultimamente,
menos sonhos e pouca energia.
Ultimamente, tenho pensado no que é desistir,
e quando desistir, e por quê.
Tenho notado que desisti de evitar pensar nisso.*

*Comer já não me dá prazer.
Prazer já não me dá prazer.
A única paz que encontro é nisto,
e apenas isto me faz sentido.
Todo o resto treme, ameaça ir ao chão.*

*Ontem saiu uma barata de baixo da cama.
Ontem saiu uma barata de baixo de mim.
Eram tantas que não cabiam,
eram tantas a noite toda.
Depois sumiu, e nem sei mais.*

*Tenho dor de cabeça como que cega,
tenho dores nos olhos como enlouquecesse,
e alguma coisa dentro de mim dorme
como se gritasse constantemente que sim
e que não há tempo suficiente entre os dias.*

*Procuro uma utilidade para o que digo,
e deixo de dizer tantas coisas que esqueço.
Não encontro nada fixo além de mim,
e prossigo sem muito pensar,
como quem lê sem paciência de olhar.*

**Meu tempo livre não veio com o tempo.
Minha liberdade vai aprendendo suas condicionais
conforme verifico os detalhes da minha alma.
Retalhei-a algumas vezes, e a montei
conforme julguei mais proveitoso no momento,**

**mas não se pode costurar com farrapos
o que não se possui e se conhece,
e muito foi em vão tudo no final.
Sequer pude dar ordens à nova geometria,
sempre que a luz bateu nos olhos.**

**Mosquitos de verão sem dias de verão:
assim é todo o tempo que me resta,
antes de retornar à rotina e ao exato.
Poesia leva tempo. Poesia leva sangue.
Tempo leva sangue. Sangue leva tempo.**

**Preciso de versos que façam valer o dia.
Não tenho versos, porém, que não estes.
Não tenho versos, eu sei, que não nada.
E entretanto cá estou, alimentando-os
como uma mãe a um filho vegetativo.**

Escravo, escrevo.

**Autor: Pedro Guerra Demingos
Porto Alegre – RS**

CRISTÃOS DO MESSIAS ERRADO

*Eles não ligam pra corrupção,
O que incomoda é justiça social.
E daí se Jesus deu a outra face?
Eles querem usar a força policial.*

*Eles não se importam com a vida,
Eles querem as minorias mortas,
Eles não querem acabar com a fome,
Eles querem acabar com as cotas.*

*Eles não querem um futuro pro país,
Eles tão se lixando para o peculato,
Sonham com cargos apadrinhados,
Eles amam mamar na teta do Estado.*

*Eles não querem indígenas com iPhone.
Danem-se os irmãos negros encarcerados!
Eles são contra qualquer assistencialismo,
A gente que lute por alguns trocados.*

*Eles odeiam nossos originários,
Eles desdenham o nordeste e o norte,
Eles mentem a nossa história,
Eles coreografaram e dançaram o golpe.*

*Eles não querem o país para todos,
Eles dividiram o Brasil em dois,
Se não pararmos eles...
Não teremos uma nação depois.*

**Autora: Maria Coelho
Matinhos - PR**

SEU MOÇO! EU CONHEÇO ESSE RIO

O "sinhô" me dá licença,
pois lhe digo com tristeza
de águas claras e beleza:
o homem sem clemência
destruiu sua natureza.

Trouxe pontes, senhorio,
fumaça e sociedade,
deixando pra quem viu,
ao lembrar daquele Rio,
só lamentos e saudades.

Quem passa não imagina,
hoje sujo com maus odores
sim, aquele Rio um dia
já foi fonte de alegria
e renda de pescadores.

Pra construir a tal empresa
evacuaram nosso barraco;
hoje à beira da represa
sobrevivo com nobreza,
bato massa e ergo saco.

O "dono" que manda aqui
do Rio nunca desfrutou.
Eu que no Rio cresci,
tenho que fazer sorrir
quem no Rio jamais pescou.

*Lhe pergunto encafifado,
que seja eu mal informado:
será preciso minha gente,
o homem pra ser decente,
destruir meu Rio Amado?*

*Não se compra mar nem céu,
quem trabalha não ordena,
assinando um só papel,
derramando seu tonel
deram fim na água amena.*

*Utilizou o Rio inocente,
depósito de seu restolho,
o doutor inconsequente
fez verter outra nascente
Não do Rio, sim de meu olho.*

*Vou cumprir a minha sina,
vou tentar me aposentar,
quem sabe no fim da vida
eu consiga uma casinha
e um riozinho pra pescar.*

**Autor: Fe Gallacci
Araçoiaba da Serra - SP**

***NARRATIVAS
EM DEVIR***

DEUS CRONOS QUE DEVORA SEUS FILHOS

Desliguei o relógio. Queria descansar e não mais pensar em tempo, que me controlava e ditava as horas... Quando acordar, quando comer, quando dormir. Só queria ser livre da imposição temporal por aqueles dias. Iria viajar, ler um livro, beber e esquecer o tempo, apenas viver ao invés de cumprir uma rotina com a minha existência. Quando dei a ideia à minha mulher, uma breve viajada para o campo, ela adorou. Fizemos as malas e partimos. Ao entrar no carro, ele estava lá me espionando, ditando os passos da espontaneidade: havia o relógio do painel me encarando, dizendo que eu não iria a lugar nenhum sem ele. Até aí, tudo bem, achei irônico da vida. Minha mulher perguntou o que havia de errado e eu disse que nada, que estava tão mal acostumada com a rotina, que estar livre me causava confusão. Partimos e decidi não olhar mais o relógio, mas era instintivo procurá-lo como forma de localização. Se eu sabia que horas eram, eu sabia o que fazer, onde estava... Tanto que minha mulher pediu para paramos em um posto, para almoçarmos; mas ainda é cedo, eu respondi. E senti um choque, pois mais uma vez olhei o relógio sem perceber, como cometer um pecado sem querer, como cair em tentação. Minha mulher disse que estava com fome, não importava o horário. E ela estava certa, que importa a hora? Importa o instinto, a vontade, a fome, o desejo. Senti inveja de sua real liberdade. Mas a viagem estava acabando e logo estaríamos fora do carro, andando na natureza, tomando um drink em um hotel qualquer, era isso que eu queria e precisava. Ao chegar à pousada levantei o pulso aos olhos. E mais uma vez caí na tentação de procurar uma bússola temporal. Estava ficando paranoica. Só queria esquecer o tempo, mas ele me perseguia ou eu o perseguia, como quem tem síndrome de Estocolmo e se apaixona pelo seu algoz. Entrando no hall para fazer o check in, um imenso relógio de época que enfeitava e informava os hóspedes e funcionários. Eu encarava o relógio como um drogado, viciado e deleitado por ter a necessidade suprida, mas com nojo e tentando desviar o olhar, por saber que era a fonte do meu mal. Chegando ao quarto, coloquei as malas no chão e comecei a vasculhar a bolsa, à procura do celular, para confirmar se não havia nenhuma chamada. Não me lembro se havia, mas havia um relógio logo na tela inicial. Acho que hoje não é possível

não saber as horas, estamos contaminados, em overdose. Talvez na morte poderíamos ter a bênção da ignorância temporal, pensei. Minha mulher me chamou para conhecer o lugar, era uma cidade bonita e pacata. Mas o tempo ficou na minha mente. Tomamos um café com um bolo em um charmoso bistrô que remetia à França, e ao pagar a conta com o cartão, a maquininha anunciava a hora logo quando eu já a esquecia; ao chegar no hotel, pensei em me desconectar de tudo e tirar um cochilo, mas preferi ler um pouco até pegar no sono. Não havia livros, mas eu possuía um leitor digital. Eu sabia que se o abrisse, a hora estaria lá. Minha mulher cochilou e eu resolvi vagar pela cidade, tentar me distrair sem pensar em nada, em tempo, em obrigações e agendas. E percebi que o tempo já era intrínseco ao meu metabolismo, nos menores detalhes. Dei-me conta que é impossível ficar parado, pois o tempo passa, o tempo em sua passagem também nos desloca. O tempo está em nós, em nossa vida se esvaindo, nas rugas aparecendo, nas doenças nos comendo e no oxigênio nos oxidando. Os números e ponteiros são apenas consequência dessa grande passagem, desse grande movimento invisível que está em tudo. Será que o tempo é Deus?...

Nessa distração pelo devaneio filosófico, um carro surgiu, rápido e contundente, como boa máquina que é, metal e execução, sem questionamento, e eu estava no meio da sua tarefa de acelerar, confiando no pé humano que o guiava. Não lembro se doeu, não lembro quase nada, lembro de rostos acima de mim, gente ligando para a ambulância, gritando, desespero, gosto de sangue. E quando acordei com uma voz de autoridade, provavelmente uma médica, dizendo que nada mais poderia ser feito, fiz força, abri os olhos e vi, naquele quarto branco hospitalar, um relógio ditando as horas, o tempo, e eu resolvi me entregar à profecia que me deram; eu fechei os olhos de novo com a última imagem de tempo, da hora que eu morri.

**Autora: Fabiana Vicentim
Itirapina – SP**

O MENINO QUE NASCEU SEM UMBIGO

Certa vez, na pequena cidade de Ibípolis, nasceu uma criança sem umbigo. Nasceu em casa, às pressas, longe de olhares curiosos; entretanto, o grito de surpresa do pai ecoou pelo quarteirão e a notícia se espalhou como fogo em palha seca.

A mãe é maconheira! Incesto dá nisso! É cria do demônio! É o anti-cristo! É um alienígena! Foi desenvolvido em laboratório! Vai crescer no hospício! Vai morrer virgem! Eram alguns dos comentários, nada discretos, dos outros habitantes, que transmutaram sinistramente o costumeiro e prosaico sorriso num olhar sombrio e medieval, que rogava silenciosamente maldições mais terríveis e nefastas do que ter um filho sem umbigo.

Nos primeiros dias, inúmeros jornalistas infestavam o jardim da casa, esperando algum depoimento, algum choro, fosse da criança ou dos pais condenados, alguma luz estranha de algum experimento irradiando das frestas da janela ou vertendo dos céus, para se comunicar com o descendente dos senhores das estrelas. Crianças esperavam enfileiradas na calçada, prontas para erguerem suas camisetas e exibirem, orgulhosas, seus umbigos únicos e humanos, caso alguém saísse. O padre de Ibípolis rezava todos os finais de tarde embaixo do oiti em frente à casa, mais temente do que crente; ele não conseguia imaginar como aquilo poderia ser obra do Senhor. Deus poderia escrever certo por linhas tortas, mas aquilo... Aquilo não eram linhas. Era código morse. Ele folheava a Bíblia todos os dias, em busca de uma resposta, mas sempre terminava em um Pai Nosso apressado e desesperançoso. Cientistas de todas as partes do globo apareceram para explicar ou para extrair uma explicação do corpo do bebê. Artigos científicos pululavam de teorias e hipóteses sobre esse curiosíssimo caso. Os descabelados de jaleco branco vasculhavam os sacos de lixo da casa, em busca de material genético, até recriaram o recém-nascido numa impressora 3D para visualizá-lo melhor; imploravam por fotos e vídeos da criança, mas nem mesmo os melhores hackers de Ibípolis conseguiram encontrar algo no Facebook dos pais, nem no Twitter da prima, nem no TikTok do sobrinho. Nada. Nem mesmo menções significativas àquela lisa

barriga foram encontradas no sórdido pantanal do grupo de Whatsapp da família. Quanto mais escondiam a criança, mais atenção ela chamava. O prefeito fora chamado para adular os pais, na tentativa de fazê-los sair de casa; o secretário de saúde compartilhava informações com os cientistas sobre o passado da família: tipo sanguíneo, doenças recorrentes, carteira de vacinação, mapa astral... Qualquer coisa que ajudasse. O delegado já não conseguia suportar tanta desobediência civil; frustrado com sua impotência executiva, já fazia campanha para a redução da maioridade penal. O grande fazendeiro da cidade, então, quase teve um ataque de pelanca quando não obteve resposta, ao gritar para o bebê se ele sabia com quem estava falando.

Tirando esse pequeno detalhe no centro de sua rotunda barriga, o bebê rosado, roliço e risonho era tão saudável quanto um touro. Chupava o próprio dedão do pé como ninguém e seus arrotos eram retumbantes e charmosos. Nascera com estupendos quatro quilos e setecentos, com uma precoce cabeleira que arrancava lágrimas de alegria e inveja de seu pai, ao qual só restavam as sobrelanceiras.

Durante os primeiros meses que se seguiram, as idas ao mercado se tornaram um grande desafio para o pai. A família havia decidido que apenas uma pessoa sairia para realizar as tarefas cotidianas, enquanto as licenças paternidade e maternidade ainda vigoravam. Fotógrafos dos jornais da região e da grande imprensa da capital cercavam o homem como moscas, microfones lhe eram direcionados em busca de um suspiro, de um riso, de uma tosse, de um pigarro qualquer, que poderiam ser usados numa consistente história sobre a relação dramática entre pai e filho, que estamparia a primeira página pelos próximos dias. A cobertura midiática foi mais intensa do que a atenção dada ao ET de Varginha, à grávida de Taubaté ou ao bebê-diabo do ABC. O bebê sem umbigo de Ibípolis emergia como um novo baluarte da fofoca globalizada. Programas televisivos entrevistaram pediatras, biólogos, psicólogos, teóricos da comunicação, especialistas em lendas urbanas, antropólogos, teólogos... As discussões eram extensas, mas as digressões só não eram intermináveis graças aos comerciais. Acabou por fim que dois grupos foram definidos: os especialistas que acreditavam ser apenas uma farsa, e que paradoxalmente ocupavam um grande tempo de televisão argumentando que a mídia não deveria

dar atenção ao caso; e os especialistas que paradoxalmente ocupavam um grande tempo de televisão argumentando que a mídia não deveria dar atenção ao caso, mas que este não necessariamente seria uma farsa.

O tempo passou e o bebê cresceu. Os jornalistas, frustrados, foram desistindo aos poucos; cada um saiu dali com uma história original que nunca seria publicada. Os cientistas montaram um congresso para debater os avanços em relação ao quadro da criança; gráficos eram expostos, fórmulas químicas foram destrinchadas, aplausos soaram e certificados foram impressos e entregues. Em seguida, em assembleia, deliberaram que também deixariam o local e que todas as descobertas ficariam apenas entre eles, afinal, conhecimento é poder. O prefeito deixou um santinho no portão e se foi. O delegado, indignado com tal insubordinação também se foi, mas trataria de registrar um BO no nome daquele vagabundo mirim. O grande fazendeiro subiu na sua caminhonete a diesel e também foi embora. Tudo, enfim, voltara ao normal para o deleite da família.

Após alguns meses de paz, no entanto, os pais foram percebendo algumas peculiaridades no filho sem umbigo. Além do óbvio fato, o menino de sete meses já declamava Byron em inglês, Dante em italiano e o Corvo de Poe em inglês, tocava todos os hinos nacionais na gaita, sabia de cor e salteado Os Lusíadas e o Corpus Juris Civilis, assistia aos filmes de Kurosawa e Tarkovsky sem legenda, e não gostava de papinha; agarrava-se a uma folha de almeirão e a chupava até sua língua ficar verde. Os pais ficaram desesperados. Contataram pediatras, biólogos, psicólogos, teóricos da comunicação, especialistas em lendas urbanas, antropólogos, teólogos, jornalistas... Mas ninguém lhes deu atenção; na verdade, rechaçaram o pedido de ajuda, alegando que o casal sofria de abstinência de atenção.

Certa madrugada inquieta, o pai, ao tomar um copo de água na cozinha, se deparou com seu filho flutuando pelo cômodo enquanto pequenos chifres ou antenas cresciam em sua testa. Ele riu aquela gargalhada majestosa e irresistível que os bebês riem, no mesmo instante o ar ficou subitamente mais gelado e com um acentuado cheiro de metal fundido, as paredes começaram a tremer e um ronco denso e grave pareceu preencher toda a pequena cidade. Os talheres, os pratos, as cadeiras e a mesa vibravam com aquela baixa frequência

e levitavam junto com o menino. As telhas se soltaram com leveza das vigas dos telhados, e com um abrupto estampido, o teto fora cavado por uma força invisível no formato de uma perfeita circunferência e os pedaços de alvenaria se juntaram aos talheres e pratos e cadeiras e painéis que dançavam hipnotizados ao redor da criança. Àquela altura a mãe se juntara ao pai como plateia daquela demonstração de puberdade precoce. Ambos contemplavam, boquiabertos, seu lindo bebê sem umbigo, mas com chifres ou antenas brilhando num tom verde fosforescente e exalando um vapor denso de mesma cor. Com um sorriso angelical que só os bebês conseguem conjurar, ele olhou para cima e encarou o negro céu estrelado de lua nova. O abismo cósmico o encarou de volta sem disfarçar seu orgulho paternal. Num lampejo silencioso, o pequeno menino que nasceu sem umbigo disparou em direção ao espaço sideral, deixando para trás os objetos da cozinha e seus pais, que chorosos, como quem observa o filho partir para a faculdade, abanavam a mão numa despedida nostálgica.

No dia seguinte, dois bombeiros e um policial, claramente a contragosto, compareceram à residência para averiguar as circunstâncias do incidente, e após recolherem o fantástico depoimento das testemunhas oculares, eles se retiraram com a promessa de que resolveriam o caso. Mais um dia se passou e aquele casal, que já não mais sabia se autointitulava-se de “pai” e “mãe”, leu no jornal local um pequeno informe, numa pequena coluna da eclética e confusa página 6, que aquela explosão fora causada por um vazamento na tubulação de gás. Confusos e indignados, nada puderam fazer. E após aquele estranho incidente, eles notaram que nenhum dos habitantes daquela pequena cidade comentava mais sobre seu filho; mais estranho, quando questionados pareciam nunca terem tido ciência da existência da criança. Apenas davam seu costumeiro e prosaico sorriso, tendo misteriosamente obliterado de suas memórias o fato de que um dia, em Ibípolis, nasceu um menino sem umbigo.

**Autor: – Lucas G. R. Stefanuto
São Carlos – SP**

O CÃO COM CORAÇÃO DE POETA

Cosme não era um cão igual a todos os outros. Raras vezes abanava a cauda negra e crespa. E, quando o fazia, era porque estava junto da mãe ou deveras satisfeito.

Os seus primeiros dias de vida, pelo menos como ele os recorda, tinham sido junto a um caixote do lixo grande e verde, onde a mãe o tinha dado à luz. Foi numa noite sem estrelas, escura de breu, que ele abriu os pequeninos olhos negros e viu a mãe, que logo o abraçou com a sua patita e lhe deu de mamar. Disso é o que sente mais saudades, do calor e do amor da sua mãe.

De pelo encrespado e negro, nariz empinado, olhar doce e contemplativo, Cosme recorda, também, um senhor que parecia mais velho que o século. Nunca soube o seu nome, porque nunca o tinha ouvido dizer em voz alta. Apenas de o ver, já a noite ia alta, com um embrulhinho na mão. Ia a passinhos lentos e silenciosos até junto do caixote onde se escondiam. A sua mãezita não lhe rosnava, pelo que decidiu fazer o mesmo. O senhor de idade era daqueles humanos que povoam a Terra e que sabem que esse é um direito de todos os seres vivos. Era raro encontrar alguém assim.

Muito delicadamente, o senhor colocava o precioso embrulhinho no chão, junto de ambos, e demorava muito a abri-lo. Cosme e a mãe observavam um pouco afastados, fascinados e ansiosos, pois sabiam que era comida para eles. O senhor levantava-se, esfregava as mãos engelhadas, abotoava o sobretudo, nas intermináveis e gélidas noites de inverno e dizia-lhes, muito baixinho:

- Até amanhã, meus pequeninos!

Um dia, o senhor bondoso deixou de vir. A idade venceu-o e Cosme relembra a vassoura do cozinheiro terrível que veio tomar o lugar do doce senhor.

Já grandito, percorria as ruas e quelhos das redondezas, quase de olhos fechados. Não havia rua ou canto que não conhecesse. Foi a mãe que lhe ensinou. Às vezes, empinava o nariz e ficava só a sentir aqueles aromas maravilhosos que povoavam o ar. E até as estrelas da noite lhe traziam sonhos doces e tranquilos.

Mas um dia, enquanto saiu para correr, pois a mãe já era velhinha e não o fazia tão amiúde, regressou e encontrou a mãe, de olhos fechados, sem mexer uma patita. E chorou nessa noite sem estrelas, pela primeira e única vez em toda a sua vida.

Num verão que parecia igual a outro qualquer, um rapazito passou por ali e viu Cosme a dormir junto do caixote. Aninhou-se e fez-lhe uma festa. Era bondoso como o senhor de idade, este rapaz. Cosme sentiu a palma quente a afagar-lhe o pelo e consentiu. Olhou para o rapazito, que pegou nele e o levou consigo. Foi ele que lhe deu o nome de Cosme.

O rapaz gostava de ler histórias e poesia. Explicou-lhe que o seu nome tinha origem grega e representava a ordem do universo. Era isso! Ao acolher o pobre cãozinho, o rapaz-poeta tentou repor um pouco da ordem que acreditava que o mundo deveria ter. Desde esse dia de verão, em que o sol batia no caixote do lixo e Cosme se escondia numa nesga de sombra, tornaram-se inseparáveis.

O rapaz-poeta lia muito. Na realidade, chamava-se Damião, contudo Cosme preferia rapaz-poeta. Ele lia-lhe também. Lia, em voz alta, contos de assombrar, histórias com finais felizes e outras tristes, histórias de encantar. Mas o que Cosme mais gostava era de poesia. Foi pela mão do rapazito que conheceu o poder mágico das palavras, os seus segredos escondidos e as suas gavetas secretas, que nem todos conseguem abrir.

Claro que Damião não imaginava que o cão o compreendia e que, há muito, muito tempo, os animais e os homens falavam a mesma língua. Mas depois, os humanos tornaram-se cruéis, egoístas e os animais fizeram-se incomprender. A sua mãe tinha-o advertido para esse perigo, dizendo-lhe que raras vezes poderia confiar num humano. E as suas palavras doces ecoavam nas suas memórias. Todavia, o rapaz era gentil. Dava-lhe banho, sorria-lhe, recitava-lhe poemas e lia-lhe histórias. E Cosme aprendeu a confiar nele.

Nas quentes e infindáveis noites de verão, em que Cosme pousava a cabecita no colo do rapaz, ele lia-lhe Camões. E pensava como havia vidas humanas muito tristes, na solitude do exílio, sem um amigo ou palavras de conforto. Depois, conheceu as aventuras no mar do povo português. Era quando o rapaz-poeta empunhava a sua espada de madeira e saltava para cima da cama, vencendo os monstros e deuses dos Lusíadas. Que povo aventureiro e corajoso era este, desbravante de

terras incógnitas para os outros povos, lutando contra seres fantásticos e forças da natureza!

Nas noites geladas de inverno, Cosme enroscava-se nas pernas do poeta e eram os poemas românticos e tristes que aqueciam aqueles dois corações tão iguais.

Foi num dia de Natal, muitos anos depois, que o rapaz-poeta adoeceu. Agora, passava os dias deitado aos seus pés, na cama, e chorava. Chorava muito, mas o rapaz não conseguia ver as suas lágrimas. O rapaz ficou muito doente e foi ter com os poetas antigos, para junto de um jardim florido, onde lia as suas amadas histórias e poemas. E Cosme partiu. Sem que dessem por isso. Sem que ninguém o procurasse. Sem que ninguém sentisse a sua falta, além do rapaz-poeta.

Mas levava o seu coração cheio de amor e de versos. Com eles, poderia melhorar o mundo; com eles, tornaria as pessoas menos egoístas; com eles, poderia devolver os sonhos a todos os humanos e bichos.

Primaveras vieram, primaveras partiram e Cosme era, agora, um idoso como o senhor bondoso que outrora o alimentou. Começavam a surgir muitos pelos brancos, as suas almofadinhas das patitas estavam desgastadas e cansadas. Ia caminhando de terra em terra, buscando comida onde a encontrasse ou alguma pessoa lhe desse. Mas mantinha o mesmo olhar doce.

E num dia anónimo de inverno, chegou a uma pequena vila. Estava um ar glacial e os seus ossos sentiram-no. Havia poucas pessoas e todos pareciam caminhar apressados e indiferentes a tudo e a todos. Percorreu as poucas ruelas e escolheu um caixote para se aninhar. Quando acordou, tinha junto de si uma pequena tigela com leite. Quem seria o humano que deu pela sua triste e exausta presença? Esfregou a patinha no nariz, agora enrugado, e resolveu percorrer a vila. Mais uma vez, viu as pessoas apressadas e com um ar que não era nem triste, nem era feliz. Apenas indiferente. E sentiu pena dos humanos. Foi então que teve uma ideia. Arrancou algumas páginas dos dois livros que o rapaz-poeta lhe havia dado, dobrou cada folha de poesia cuidadosamente e, nessa noite, colocou cada folhinha em cada caixa do correio de cada casinha da vila.

No dia seguinte, já o sol ia alto quando Cosme acordou. Levantou-se e viu a sua tigelinha cheia com leite. Ao lado, um pratinho com comida e uma casotinha com um cobertor. Nem queria acreditar! Comeu, lavou o focinhito negro e grisalho e foi dar a volta habitual pela vila.

Oh! Desta vez, as pessoas sorriam umas para as outras e cumprimentavam-se! Os seus olhares pareciam ter recuperado o brilho e todos os que por si passavam, lhe faziam uma festinha!

Nessa noite, Cosme fechou os olhos e o calor humano encheu o seu velho coração. A última estrela da manhã sorriu-lhe também e levou-o consigo.

***Autora: Paula Correia Matias
Amarante – Portugal***

DEVANEIOS DA SAUDADE

A protagonista não possui um nome que faça diferença para além de leitora. Seria possível chamá-la de Carolina ou de Ana ou de Juliana e, ainda assim, não faria diferença. Levando em consideração que ela é alguém que lê o mundo, como quem lê um livro, considero uma referência que sustenta a si mesma, que a define. O substantivo “leitora” exerce função simultânea de adjetivo. Se você pudesse se chamar de algo que te define, o que seria? Dou-me essa liberdade.

Refeita em retalhos e fragmentos de memórias, impera nela incerteza de ser. A leitora recolhe pedaços do que foi e do que é. O ontem, o hoje e o talvez coexistem no plano da treslouca realidade.

Sentada em uma beirada de escada, ela ouve músicas antigas enquanto contempla seu jardim bem cuidado por sua mãe, uma primorosa jardineira e amante das flores. É possível observar, na beleza daquele espaço, o carinho despendido por sua progenitora. Entre as letras musicais, há uma autodescoberta em algum refrão musical que antes foi ouvido com neutralidade pela leitora. No entanto, agora desperta pensamentos frescos. Frescor de descoberta. Uma construção cíclica de personalidade. Enquanto que antes não haveria referências para compreender uma acepção do que pretendeu dizer o artista, agora há.

“Tristeza não tem fim, felicidade sim”. “Esse Vinícius de Moraes, para além de poeta, parece profeta”, pensou ela. Quem diria que tamanho caos, poria um breve (talvez) ponto final nos mínimos e cotidianos prazeres ínfimos de (co)existir em sociedade. O luto. O tédio. A fome. A morte. O silêncio. O vazio. Pois bem, a tristeza ainda não tem um fim. Entre as tristezas, surge a imperativa ânsia por fuga. Fugir para onde, se os problemas não abandonam? Sim, para os hobbies. Exato, para o trabalho. Certamente, para a meditação. Em certo ponto, não há mais para o que recorrer. E a leitora tentou todas essas fugas, muitas vezes simultaneamente. Fica a constatação que ela concatenou: não se foge da tristeza sem distanciar-se ainda mais da felicidade. Enfim, se o que nos constrói é a eterna relação entre o que nos habita e o que habita o mundo externo, quando há um recorte do mundo externo, também é recortada a interna constituição mental.

Há rupturas. Fugir não é uma solução, é somente um remendo. Após concluir esse pensamento, outros fenômenos iniciaram para a leitora.

Os devaneios da leitora começaram por volta da terceira semana de isolamento social. Foi quando ela olhava para a parede do seu quarto. Surge dentro de seu panorama íntimo o enaltecimento de um pedaço específico – mas nada material – do que considera como marcante para se sentir viva: memórias afetivas. Primeiro, uma ínfima luminosidade, depois, crescente luz a invade, o sentimento. Pronto. Saudade. Essa palavra peculiarmente brasileira que retrata a falta que algo faz de forma tão pontual, que talvez seja intraduzível em palavras. Sua saudade tinha nome: mar.

**Autora: – Aline Sviatowski
Ponta Grossa – PR**

ÚLTIMA DESCOBERTA

Morri, eu acho. Nada do que via, vejo agora. Surdo e mudo me tornei. Tudo que sentia, não sinto mais. Nem pensar mais, creio, penso. Se não penso – desisto e insisto – não existo. Claro ou escuro? Impossível dizer.

Morri, tenho certeza. Passou a afobação pela tarefa não concluída, sumiu o cheiro de suor vencido pelo amor ou pelo ódio; calafrios, tristeza, riso, tudo deixou de existir. Sem calor, sem frio. Fome zero. Já não distingo sono de vigília. Atingi a plenitude ou a perfeição? Não posso responder, pois apenas morri.

Na morte nada acontece, sabemos e tememos sabê-lo. Em vida, criamos um conjunto enorme de subterfúgios para não aceitar a condição inexorável de deixar de existir. Mundo paralelo em nossas mentes para nos convencer de um outro universo, uma outra vida. Qual! Inexistência parece não combinar com um cérebro tão sofisticado e uma corrente de sinapses elaborada, não é mesmo? Mas é isso: morte é nada.

A matéria que me constitui continua a ser o mesmo conjunto de átomos que se transmuta para outros corpos, outros ambientes. Os primeiros a constatarem a cessão de meus batimentos cardíacos e atividade cerebral formam a gênese de minha existência posterior. Isso sim é fato, verificável, mensurável. Aquela nobre equipe médica respirou o ar que eu acabara de expirar. Seus membros fazem isso constantemente, os desbravadores da continuidade. Os últimos suspiros são as primeiras substâncias a sobreviverem. Lentamente a matéria orgânica putrefata se decomporia, se não fosse a determinação explícita de a) retirar tudo o que estivesse aproveitável e usar em outro indivíduo que o necessitasse; b) queimar o resto; c) jogar o material calcinado em lugar incerto, disperso. Sim, o resto de mim que sobra são cinzas espalhadas alhures, para que não se erija mausoléu ou sequer lápide. A memória é o que me resta, memória dos outros, bem entendido, porque de mim a energia que fluía pelas células não mais existe. Massa e energia são constantes no universo, vida não.

Como nada mais sinto, não posso dizer que é alívio o que segue, caso me perguntem. Ou qual memória me resta e se a vida passou em lampejos luminosos pelos olhos (cegos agora, lembrem-se). A ignorância passa a ser a onipresença junto à inexistência, por paradoxal que seja.

A última mensagem que deixo é que literalmente estou em você, leitor. E não precisa ser um dos prováveis receptores de meus órgãos, caso existam. Os átomos que um dia me habitaram, pó de estrelas que sempre foram, constituem alguma coisa em você, devido à dinâmica probabilística de espalhamento dessas partículas. Talvez os olhos que leem, algum neurônio que conduz o impulso elétrico da informação recebida, uma molécula de oxigênio a passar pelo coração grudada no sangue. Não sei. Paro de falar, metaforicamente, já que não emito sons, desprovido de cordas vocais que me tornei, sem a possibilidade de ventilá-las.

Siga! Continue a espalhar minhas partículas e transformar a energia até encontrar este mesmo destino, inexorável fim. Você tem todos os requisitos para seguir meus passos: está momentaneamente vivo.

**Autor: Adilson Roberto Gonçalves
Campinás – SP**

O BRILHO DO OURO

Meu avô era professor de literatura. Mas não apenas qualquer professor: Um excelente professor. Quando pequeno, eu me lembrava de andar com ele e ver ex-alunos cumprimentando-o na rua e agradecendo-o por tê-los inspirado a ver a poesia com uma perspectiva diferente, ou então os ensinado a conhecer-se melhor através da literatura e expressar seus sentimentos de forma mais autêntica.

Por melhor que meu avô fosse como professor, porém, ele ganhava pouquíssimo com isso. Para complementar a renda, costumava nos tempos livres escrever roteiros de cinema, que ocasionalmente conseguia vender a algum produtor, por um preço razoável.

O problema foi quando um desses roteiros virou um filme que fez enorme sucesso. De repente todos os principais produtores do país queriam que escrevesse roteiros para eles e meu avô percebeu que se largasse seu emprego de professor e se dedicasse em tempo integral como roteirista, conseguiria dar à sua família a vida que esta merecia. Isto foi uma decisão muito dolorosa para ele: Meu avô até gostava de escrever, mas verdadeiramente amava ensinar. Ao final, porém, acabou saindo das salas de aula. Isto o deixou muito infeliz, uma infelicidade tão inconsolável que minha avó, não aguentando mais, acabou abandonando ele... O que apenas o deixou ainda mais infeliz. Os roteiros dele faziam sucesso, mas meu avô os escrevia como uma máquina, sem realmente pôr seu coração em história alguma.

Por boa parte da minha infância, sequer cheguei a vê-lo sorrir. Portanto, me lembro nos mínimos detalhes da primeira vez que vi isso acontecer.

Eu tinha ficado doente, porém naquele dia meus pais tinham que sair para trabalhar, portanto pediram para que meu avô ficasse em casa para cuidar de mim. Ele passou a maior parte do dia em frente à máquina de escrever – afinal, meu avô era “das antigas” e se recusava a escrever roteiros no computador – tentando escrever a adaptação de um livro chamado “O Brilho do Ouro”, de um autor americano cujo nome jamais consegui escrever corretamente.

Digo que meu avô estava tentando porque, em uma das raras ocasiões em que isso acontecia, ele estava passando por um bloqueio de autor. Ele reclamava para mim que aquela era uma obra difícil de ser

adaptada para filme. Afinal, era um livro com mais de quinhentas páginas e, segundo meu avô, cheio de reviravoltas e monólogos interiores.

Naquela época eu ainda era novo demais para meus pais me deixarem ficar sozinho em casa doente, mas já tinha maturidade suficiente para entender alguma coisa sobre roteiros. Portanto, vendo o desespero do meu avô, veio-me uma ideia:

- Vovô, leia então a história do livro. Caso você consiga lê-la inteira para mim ainda hoje, talvez já seja um passo para adaptá-la, não?

Meu avô ficou surpreso com a proposta, mas depois teve que confessar:

- Por que não tive essa ideia antes?!

E assim meu avô pegou o livro que ele mantinha ao lado da máquina de escrever e começou a ler para mim “O Brilho do Ouro”. Conforme lia em voz alta, ele pulava capítulos que achava desnecessários ou cenas que considerava “impróprias para minha idade”, porém no geral manteve-se bastante fiel à obra.

A história se passava no final da 2ª Guerra Mundial e o protagonista era um estudante recém-formado em História, chamado Adam. Adam, por algum motivo, tem poderes psíquicos e constantemente tem visões do passado e presságios do futuro – por isso seu interesse em História. Em um presságio horrível, ele vê que seu pai, um eminente arqueólogo judeu – e que também se chama Adam – que foi à selva amazônica em busca de El Dorado, está em perigo. Adam Filho procura então a ajuda de uma detetive mais velha que ele para descobrir o que aconteceu com seu pai. Juntos, eles descobrem que Adam Pai está na mira de um assassino nazista que, além de seus ideais políticos, é também um fanático religioso que tem como objetivo matar sete judeus que, para ele, mais representem os Sete Pecados Capitais – e ele vê a busca de Adam Pai por El Dorado como o cúmulo da ganância. Assim, Adam Filho e a detetive saem em busca de Adam Pai para salvá-lo e durante a busca começam a se envolver em um caso amoroso. Após uma série de aventuras e desencontros, Adam Pai, Adam Filho e a detetive chegam a El Dorado e decidem se abrigar em um templo isolado. O templo, porém, é habitado por uma presença espiritual maligna, que influencia Adam Pai a um comportamento cada vez mais

violento, que culmina com ele matando a detetive e Adam Filho sendo obrigado a matar o próprio pai para sobreviver. Ele foge de El Dorado em um avião, mas na fuga este é abatido pelo assassino nazista. Adam Filho sobrevive à queda, mas fica gravemente queimado. O livro termina com ele sendo tratado por uma jovem enfermeira parecida com a detetive, enquanto tem flashbacks de tudo que lhe aconteceu.

Assim que terminou de me contar a história, meu avô arregalou os olhos e suspirou:

- Não é a toa que estou tendo tanta dificuldade em adaptar este livro: A história é péssima!

Eu também tinha percebido isso enquanto ele a lia para mim. Mesmo com meu avô se esforçando para explicar algumas coisas, a história era muito confusa e, em quase tudo, eu tinha a sensação de já ter visto em algum lugar antes, apesar de ainda ser criança.

E ainda assim, resolvi perguntar:

- Mas por que, vovô?

E meu avô começou a falar. Falou sobre como uma boa história deve ser clara e coerente, sobre construção de suspense e o que ele chamou de “encheção de linguiça” e como tudo isso se encontrava ou não no livro. Explicou também a diferença entre se inspirar em outras obras e plagiá-las, e até fez uma lista de histórias clássicas que “O Brilho do Ouro” tinha plagiado. Vendo que eu não conhecia a maioria delas, os olhos do meu avô brilharam e ele começou a me contar a respeito delas e o que as tornava clássicas...

Pois sim, os olhos dele brilhavam. Foi só naquele momento que percebi isso. Até então só o conhecia como um senhor infeliz que passava dia e noite escrevendo, mas enquanto ele me ensinava sobre todos aqueles assuntos – sim, me ensinava – pude ter uma visão de como ele devia ter sido em seus tempos de professor. E pela primeira vez entendi porque tantas pessoas vinham cumprimentá-lo quando andava na rua.

Quando ele, enfim, fez uma pausa em sua pequena aula particular, tomei coragem e disse:

- Vovô, que tal se, quando eu melhorar, você me ler então esses clássicos? Aí podemos falar a respeito deles ao invés de uma história ruim.

Meu avô devia ter passado a última hora inteira falando quase sem parar, mas ao ouvir aquilo ele não hesitou:

- Quando você melhorar?! Meu neto, eu vou te ler alguns clássicos é agora!

E ele sorriu. Pela primeira vez, eu não o via como uma mera máquina de escrever com carne e osso, mas sim como um verdadeiro ser humano.

Quando perguntam ao meu avô o que o fez voltar a dar aulas de literatura na escola após tantos anos, ele sempre diz que foi após ter lido novamente este ou aquele clássico. Eu fico quieto. Não quero ferir o orgulho dele e dizer que foi um livro tão péssimo quanto “O Brilho do Ouro”.

**Autor: David Ehrlich
Curitiba – PR**

OS PONTEIROS

Quanto mais você ajusta os seus ponteiros, mais os perdidos te perguntam as horas. Chegam sempre atrasados, destruídos, mas você responde “quinze minutos para uma decisão corajosa” ou “vinte e cinco para a felicidade” e eles mudam de semblante, encontram um novo meridiano e renascem em outro fuso.

Acontece que o meu relógio nunca foi uma máquina suíça de primeira linha, muito pelo contrário, troquei os parafusos todos num consultório na Rua da Quitanda, no Centro do Rio. A bateria acaba arriando depressa com esse uso excessivo, de modo que outro dia, por exemplo, perdi o meu encontro semanal com a melancolia.

Não é o tipo de programa que gosto de fazer, mas é daqueles que também não se pode faltar em hipótese alguma — foi um acordo suado que fiz com a depressão, para que eu não precisasse dar dinheiro e gozo à Indústria Farmacêutica. Uma vez por semana não mata ninguém, pareceu-me razoável. É sempre às segundas, afinal que outro dia haveria de ser?

Por isso, não me pergunte as horas numa segunda-feira. Não me peça coordenadas no café da manhã e evite até um “bom dia” se for possível, porque se me distraio como venho me distraindo, acabo por esquecer esse meu compromisso e, então, vejo-me obrigado a passar o resto da semana mimando a Tristeza. E como é mimada essa vadia que agora quer aparecer também às terças, vê se pode, logo o meu dia do encontro com o deboche ou com a euforia desmedida. Que aparecesse pelo menos aos domingos, quando sou assombrado pelos amores que não cheguei a amar. Adoro os domingos.

Autor: Roberto Passeri
Rio de Janeiro – RJ

SEI-TE DE COR

Leio apaixonadamente e (a)prendo todos os teus personagens...sei-te de cor.

A cor do teu ser, Nu, teu olhar!

O teu passado, presente e futuro...(n)as minhas mãos...sentenciado...sem julgamentos!

A mulher, profissional, que luta para fazer sempre bem...

...a menina, (aparentemente) envergonhada, que precisa de mimo e colo...

...a adolescente com as hormonas aos saltos...e sorriso fácil... com amigas/confidentes próximas, com quem está em constante desacordo...mas que não vive já sem elas...

...a fêmea...faminta...predadora...sobre a qual, um cavalheiro nunca conta...

Mas eu não sou um cavalheiro...e revelo aqui tudo aquilo que sei de ti...!!!

Escrevo-te...descrevo-te...para te/me manter!

Mas prometo não contar tudo. Deixo as (tão só nossas) reticências, guardarem, aquilo que (só nós) sabemos.

Sei sem ter (a)prendido...

Sei sem ter sido ensinado...

Sei de cor...a dor, na ode sobre a qual constróis a tu(a)vida. Tenho pena de quem te comenta e avalia pela capa, pois jamais tem a capacidade/autoridade de perceber...a vitalidade do teu conteúdo. O privilégio de ler alguns dos teus capítulos...é um direito de poucos...a permissão para tocar as tuas páginas, é controlada ao pormenor...

...o prazer de me escrever em ti...orgulhosamente e gulosamente, tomo-o como meu...

Sublime para quem ainda tem a coragem e ousadia de sonhar, incompreendida pelas massas, desprovidas de substância, mesmo as mais próximas.

Uma obra d(e)arte...NU meu sonhar...

Cada lágrima, cada sorriso, cada gemido...transcritos para palavras que ecoam silenciosamente.

Todas as minhas muitas imperfeições, bebem absolvição sobre o teu ser!

Tomo-te sem pedir, para minha leitura, onde suspiro a minha (d)escrita...

Analfabeto do sentir...(a)prendo(me)...no teu saber!

***Autor: Carlos Norte
Porto – Portugal***

O POÇO

Um poço no deserto é como uma cova em forma de funil, afundada no chão aonde a camada da água chega perto da superfície, e deve ser mantido limpo pelos moradores, para que a areia não chegue a enterrá-lo. Na cova, geralmente cresce pelo menos uma palmeira de tâmaras. É como um sinal, você pode vê-la à distância e ajuda o viajante cansado, sedento, exausto, para encontrar o ponto de água. Também proporciona um alimento rico e completo. Um provérbio conta que um homem do deserto é capaz de comer durante três dias, com apenas uma tâmara. Sob a palmeira, uma poça miserável de água suja e salgada é "o poço". Um refresco valioso e vital para os peregrinos que viajaram centenas de quilômetros através das charnecas mais desoladas e ficam desde há dias sem a última gota de água. Nenhum palácio na terra pode valer o que vale essa água, cheia de areia e viscosa, para as gargantas queimadas que conheceram os ventos do planalto. Muitos não sabem que nem o poço, nem o oásis e a palma podem sobreviver, se não for pelas mãos que mantêm sempre aberto aquele funil, livre da areia, graças a uma geração após outra de "guardiões do poço". Não há arquivos ou bibliotecas, mas por milhas e milhas, ao redor, os velhos com roupas coradas de anil, com um véu que protege o rosto do olhar dos estrangeiros impuros, poderiam dizer por memória a lista completa dos viajantes que têm bebido aquela água suja e salobra, ao longo dos últimos mil anos. Passaram príncipes, generais, peregrinos, pregadores, bandidos e pobres viajantes. Eu estive lá, também, há muitos anos. Nada podia moderar o vento frio que atingia a planície rochosa do "deserto dos desertos". Dezesseis anos antes, uma árvore quase petrificada, indicando o caminho às caravanas ao longo de séculos, como um farol no mar vasto, fora deitada abaixo por um motorista de caminhão, que talvez "não tenha visto". Então, em seu lugar, havia uma espécie de cabide gigante de metal, paródia sombria e sarcástica da árvore do passado.

Por fim, a uma distância incalculável, eu vi a mancha escura da palmeira, refletida pelas camadas de ar quente e transformada em miragem. Cheguei exausto ao pequeno oásis, relaxei meu passo e fiquei sobrecarregado pela nuvem de poeira que eu mesmo tinha levantado. Corri para a poça da água, mas a achei seca, só um pouco de terra escura

revelando a presença de umidade no solo. A decepção foi enorme, mas felizmente tinha comigo o equipamento necessário para cavar. Descansei por um momento na sombra da palmeira e dei a minha contribuição para a preservação do pequeno poço. Cavando a terra em torno dele, cheguei a um metro de profundidade, antes de a água começar a juntar no fundo, gota a gota: cerca de meio litro de água suja, mas quase boa para se beber. Com um pouco de paciência, eu era capaz de aumentar as reservas, saciar minha sede e renovar - ao mesmo tempo - a vitalidade do ponto de água.

O vento tinha deixado cair algumas "mãos" de tâmaras. Assim são chamadas as inflorescências da palmeira e cada pequeno fruto é chamado de "dedo". Deglet nur, "dedos de luz", é o nome para aquelas mais brilhantes e cheias de açúcar, as melhores como comida para o homem. Aproveitei esse dom da natureza e comi umas tâmaras.

A seguir, um sono remunerador me apanhou. Adormeci, envolto na capa ou albornoz de lã, que me havia protegido do vento e da areia ao longo da viagem. Um sono pesado, na companhia de velhas memórias e dos fantasmas do lugar, importantes como em um castelo escocês. Não sei quanto tempo durou, ou se alguém chegou ao oásis, enquanto eu estava imerso no sonho. Sonhei com um elefante - ou talvez um mamute - correndo de probóscide alta e levantando baforadas de água de um lago cheio de plantas aquáticas. Olhei para ele e não fugi. Então me carregou um guerreiro feroz com a armadura negra, armado com uma lança e cimitarra, com um capacete de alta ponta. Ainda me lembro de seus olhos de fogo olhando para mim, cheios de ódio - ou de ira divina? - e oiço ressoando em meus ouvidos o grito de guerra dele.

Passavam caravanas carregadas de ouro, couro e de objetos preciosos, carregados em pequenos cavalos nervosos, conduzidos pelos servos pretos. Então vi muitos dromedários carregados com ouro, era o cortejo de um grande rei negro indo para o leste, para a Meca dos crentes.

É compreensível que fiquei surpreso e um pouco assustado, acordando, ao encontrar-me no meio de um grupo de saqueadores do deserto que estavam cozendo carne de carneiro num fogo de ramos secos. Tinha-me despertado a fumaça acre da gordura, chiando sobre as chamas e as brasas. O líder do grupo, vendo-me com os olhos

abertos, me ofereceu chá com hortelã. Era um bom sinal: oferecer chá é uma declaração de hospitalidade e amizade. Com gestos e com o meu conhecimento limitado da língua dos nômades, nasceu uma conversa divertida.

Qualquer um que atravessou o deserto sabe que dessas conversas em torno do fogo nasceram muitos mitos coloniais, mas também algumas grandes "descobertas" etnográficas. Livros inteiros escritos sobre os costumes, tradições e lendas dos nômades, foram baseados em entrevistas e histórias interpretadas por autores acadêmicos, que tinham muito pouco conhecimento do idioma em que se expressaram seus parceiros. Então, assim se espalharam muitos mitos sobre os homens do deserto, muito mais fantásticas do que as verdadeiras histórias deles, que dizem apenas de bruxas, duendes e fantasmas. Assim nasceram histórias de viagens extraterrestres e de conhecimentos extraordinários, conservados nos arquivos do deserto, em um mundo onde a memória só é garantida a partir da tradição oral, como era costume na época de Homero.

Após o cozimento, a carne do carneiro foi parar no prato comum entre os convidados, deitados em um círculo. O jantar foi servido por boatos e histórias, em um dialeto que logo soou aos meus ouvidos como um ruído de fundo, e os meus pensamentos começaram a viajar. Eu mudei de posição ligeiramente e revirei os olhos para o céu. As folhas da palmeira eram movidas pelo vento, que tinha rapidamente refrescado o pequeno oásis. No tapete de veludo negro do céu, as estrelas brilhavam como diamantes puros. Eu procurei as constelações de que eu me lembro da forma: os dois Carros, Órion com o cinto brilhante, o Auriga em forma de pentágono... Naquela noite, com meus olhos voltados para o céu, vi as estrelas cadentes mais belas, através de um céu claro e preto como tinta.

Adormeci em paz com o mundo, na noite fria do deserto. Na manhã seguinte, eu estava sozinho, envolto em meu albornoz. No terreno, no oásis todo, nenhuma impressão, nenhum traço visível. A área ao redor da poça de água renovada estava cheia de vida: besouros e escorpiões, chegando para saciar sua sede. Em seguida, foi a vez dos lagartos. Mais tarde veio mesmo um casal de pássaros, chegando até lá por quem sabe qual distância.

Uma semana depois, eu soube que o ponto em que parei era chamado Hassi djenún, "o poço dos espíritos", e que ninguém havia encontrado água aí por pelo menos quinze anos. Somente a palmeira tinha sobrevivido, chegando com as raízes a algum fluxo misterioso subterrâneo. Nunca soube se os assaltantes eram homens vivos ou djenún (duendes, aparições), ou ainda imagens do meu longo sonho restaurador, depois de um copo de água suja e uma tâmara mágica. Gosto de pensar que em algum lugar lá fora, no grande deserto, um velho velado ainda se lembre do meu nome, distorcido na pronúncia local, do rumi (homem branco) que um dia dera nova vida ao poço dos espíritos.

**Autor: Alberto Arecchi
Pavia – Itália**

***CONVERSAS
INSINUOSAS***

CHARUTO

Querido(a) leitor(a), não há aqui propaganda da indústria do fumo, uma vez que Charuto é simplesmente o apelido de um antigo torcedor-símbolo de um dos maiores clubes do Brasil, sendo que o texto remete a um tempo em que o nobre esporte bretão, conquanto já arrematasse paixões no Brasil e no exterior, ainda não gozava de transmissões à distância, em tempo real, nem mesmo por televisão em preto e branco.

Bem, os colorados sabem perfeitamente de cor as origens do Sport Club Internacional. A agremiação foi fundada em 1909 para, diferentemente de seu maior rival, manter sempre abertas as portas a todo e qualquer tipo de pessoa, independentemente de sua raça ou do que mais fosse. Por conseguinte, no caso do então novo clube gaúcho, nenhum nome soaria melhor do que Internacional, um convite a indivíduos de toda e qualquer origem a se tornarem desportistas.

Justamente durante o interregno em que ainda se aplicavam as hodiernamente incompreensíveis restrições em solo gaúcho, foi que surgiu uma figura folclórica na história do vitorioso Saci. Conhecido apenas pela alcunha de Charuto, este torcedor do Inter era figurinha fácil nas arquibancadas do Estádio dos Eucaliptos, entre as décadas de 1930 e 1950. Note que aqui se fala acerca de tempos bem anteriores ao atual Gigante da Beira-Rio, situado praticamente às margens do Rio Guaíba.

Bem, Charuto era um sujeito dos mais simples, que fazia biscates nas docas do cais do porto para ganhar a vida. E, como colorado orgulhoso, durante o seu ofício de carregador de caixas com frutas, verduras e legumes, mantinha ele o "requinte" de guardar chuchus estragados, com o fito de lançá-los contra torcedores gremistas. Isso, como já foi dito, entre as décadas de 30 e 50!

Para termos uma ideia de como ele era um torcedor tão carismático entre os adeptos ao Saci, mesmo sem ter dinheiro para obter ingresso ao campo de jogo, nada raro o indivíduo contava com o auxílio dos porteiros do clube (quando estes não se incomodavam com sua embriaguês) e até mesmo com o grande coração de outros

torcedores; estes, nas ocasiões em que Charuto não conseguia ingressar na arquibancada dos Eucaliptos ou de outros estádios conversando com os funcionários, frequentemente se dispunham a lhe pagar a entrada e ainda por cima comprar cervejas para o deixarem alcoolizado e o verem circular pela arquibancada aludida gritando: "Co-ro-rau! Co-ro-rau!", antes de se entregar aos braços de Morfeu e não conseguir acompanhar muito do match da vez.

Possivelmente para gargalhadas gerais, o nosso herói nada politicamente correto ainda possuía um outro truque para adentrar às dependências do estádio, um truque absolutamente surreal: entrar de costas, como quem estivesse na verdade saindo! Se, de fato, quem conheceu o torcedor garante que ele, conquanto se sentasse na primeira fila, jamais conseguiu assistir a um final de partida, já que, ao soar dos silvos derradeiros do árbitro, Charuto sempre era encontrado dormindo, completamente ébrio, por conseguinte torna-se mais fácil compreender melhor a entrada de costas para o portão, não?

O torcedor trazido a comento remetia perfeitamente ao símbolo do Internacional, visto que era um ser humano repleto de brincadeiras nada sutis, mais parecendo um autêntico Saci que, em vez de fumar cachimbo e ter uma perna só, se assemelhava a um charuto e se locomovia com duas como se tivesse uma... Não vivia na mata, mas vira e mexe era visto frente ao gramado de estádios gaúchos de futebol, o que realmente talvez o remetesse a um Saci daqueles tempos!

O fato de Charuto sempre lutar para se manter ébrio de costas para o campo sem assistir aos embates, quando não vinha a dormir, o ajudava a plantar o fascínio na mente do então jovem Luís Fernando Veríssimo, que o chamava de "colorado em estado puro". Aliás, numa de suas diversas notórias crônicas, "o adversário, o resultado, o próprio jogo, pouco interessavam, o importante era estar ao lado do seu time. Ganhando ou perdendo".

E foi justamente em virtude de suas peculiaridades, de provocar rivais, que a vida do folclórico torcedor colorado teve seu trágico fim. Charuto envolveu-se numa briga, recebendo em decorrência disso uma facada certeira, e faleceu. Se, por um lado, o torcedor levava a sua vida sempre na corda bamba, por outro foi enterrado com pompa, uma vez que seu caixão foi carregado por jogadores colorados, devidamente fardados.

Uma coincidência foi o ano em que ele deixou este mundo: 1952, ano em que o Grêmio de Foot-Ball Porto-Alegrense resolvera, nove meses antes do fatídico episódio, "tornar insubsistente a norma que vinha sendo seguida de não incluir atletas de cor em sua representação de futebol", conforme publicado no Correio do Povo a 6 de março daquele ano. Pois bem, exatos três dias depois de sua morte, no dia 7 de dezembro, o Internacional goleava o tricolor por 5 a 1. E se no ano de 2016 o torcedor-símbolo foi homenageado pelo Museu do Inter no dia da Consciência Negra, segue a outrossim a torcida rubra a homenageá-lo entoando uma canção originalmente criada pelo grupo Mamonas Assassinas e readaptada com o verso "com a cachaça na mão" homenageando o singular Charuto.

Por fim, como será que Charuto veria as maiores conquistas coloradas, sendo que quase todas vieram após o tempo em que este homem andava sobre a terra? Será que ele realmente ficaria de costas para o campo do Gigante da Beira-Rio durante alguma das três finalíssimas do Campeonato Brasileiro (contra o Cruzeiro em 1975, contra o Corinthians em 1976 e contra o Vasco em 1979) que o Colorado venceu? Ou igualmente se manteria ébrio no mesmo local durante as finalíssimas da Copa Libertadores da América de 2006 (contra o São Paulo) e 2010 (contra o Chivas Guadalajara)? Teria mesmo tal ousadia? E, num devaneio maior de autor, será que ele tomaria um porre de saquê antes de ir à arquibancada do Estádio Internacional (presságio de título do Clube do Povo?) de Yokohama e também não assistiria ao embate contra o ultrapoderoso Barcelona de Ronaldinho Gaúcho e companhia? Meus caros, infelizmente apenas nos é possível especular...

**Autor: Príncipe de Mônica
Niterói - RJ**

Referências:

- NILO DIAS REPÓRTER. *Charuto, o torcedor símbolo*. Disponível em: 20 jul. 2013. Acesso em: 21 jun. 2016.
<<http://nilodiasreporter.blogspot.com.br/2013/07/charuto-o-torcedor-simbolo.html>>
- OBSERVATÓRIO DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO FUTEBOL. *Futebol a cores: uma história de racismo no Rio Grande do Sul*. Disponível em: Acesso em: 21 jun. 2016.
<<http://observatorioracialfutebol.com.br/historias/futebol-a-cores-um-a-historia-de-racismo-no-rio-grande-do-sul/>>
- POVO COLORADO. *Charuto: o folclórico torcedor dos eucaliptos anos 30 e 40*. Disponível em: 17 nov. 2016. Acesso em: 21 jun. 2016.
<<http://opovocolorado.blogspot.com.br/2016/11/charuto-o-folclorico-torcedor-dos.html>>
- ZH. *Charuto, colorado símbolo dos eucaliptos*. Disponível em: 19 mar. 2013. Acesso em: 21 jun. 2016.
<<http://zh.clicrbs.com.br/rs/porto-alegre/aniversario-de-porto-alegre/noticia/2013/03/charuto-colorado-simbolo-dos-eucaliptos-4079413.html>>

A SALVAÇÃO VEM PELA ARTE...

Dito assim parece algo religioso e de certa forma é; porque a palavra a que me refiro é a ARTE e não há termo mais sagrado que este.

Passei o final de semana tentando amenizar uma gripe dos diabos e durante este processo, encontrei como paliativo a produção de pinturas e da escrita.

Tirei um tempo para pintar e para colocar em dia os rascunhos de textos em verso e em prosa que estavam perdidos pelos cantos da minha caótica desordem de acumulador de papéis.

Pintar me trouxe, mais uma vez, a certeza de que a pintura é o melhor dos exorcismos. Pintando, exorcizo o medo de ser massacrado pelo tempo.

Pintando, me esqueço das obrigações que me oprimem e fazem da vida um pátio aberto para as cirandas do tédio e do vazio.

Pintando me sinto ligado a algo que está acima de mim e dos outros; e que não é Deus nem santos, anjos, nem nada deste tipo. É talvez uma energia maior, uma certeza de que diante de tantas incertezas, só a arte é superior ao humano.

Que a arte é maior e melhor que qualquer tipo de amor.

Que a arte é tudo o que fica, que permanece e que é quando nada mais existe, quando nada mais está, quando não há ninguém ao lado.

Escrever. Escrever me trouxe de volta a sensação de que não sou, nem estou sozinho, porque estes seres doidos e doídos que visitam minhas frases e habitam meus parágrafos são tudo com o que posso contar, antimonotonia, antiloucura, diante da irritação que a debilidade da imunidade me causa. Escrever me põe em contato com a percepção de minha linguagem, ora empolada como uma pérola negra, ora vulgar como a pururuca que estala no atrito dos dentes. Escrever me dá a oportunidade de sentir, viver, reviver coisas e situações que eu já nem lembrava que existiam.

Então, se o vazio me consome, tenho a ARTE. E é ela que indico a todo aquele que ama cor, forma, som e escrita.

Não sucumba ao mundo. Viver é mágico. Desenhe. Pinte. Leia. Escreva. Cante. Dance. Interprete. Rime. Ria

Os dias são maus? Não! Os homens, forjados no impuro aço da cretinice, o são. Mas a vida não precisa ser.

Enquanto houver ARTE, seja ela expressa como, quando, onde e por quem for, haverá presente, haverá memórias, haverá futuro e vida...

***Autor: Rondinelli Linhares
Anápolis – GO***

***FLUXOS
DRAMÁTICOS***

DEJÀ VU

Duas pessoas conversando, mas só uma é vista pelo público, a outra é apenas a voz, em uma sala comum.

PESSOA

Cara, eu tô te olhando aqui e me deu um déjà vu. (ri)

VOZ

Sobre o quê?

PESSOA

Você, falando exatamente isso de um minuto atrás, no sofá, tipo... Como se já realmente tivesse rolado esse momento.

VOZ

Então eu dizia coisas assim, sem sentido?

PESSOA

Aí eu já não sei, mas... A imagem era assim, tipo uma pintura que eu não concluí.

VOZ

Sabe o que penso sobre déjà vus? São momentos que a nossa memória cria, com a intenção de acontecer em algum dia, sem hora marcada, e eles se misturam com o que tá existindo de pensamento naquele instante. Aí você se perde nesse vislumbre e crê que era passado, mas pode ser só ficção. Sei que não é o real significado, mas é meu ideal a respeito.

PESSOA

Então eu tava pensando em você assentada no meu sofá, num dia desses de sol, quando a gente podia estar em qualquer lugar fora daqui, fazendo qualquer coisa, mas eu preferi pensar em falar algo bobo que a gente já esqueceu?

VOZ

Talvez você tenha imaginado até mais coisas, mas a mente prega peças, e apaga as partes importantes da visão.

Revista Fluxos

PESSOA

E o que seria importante?

VOZ

Talvez eu estar aqui, te olhando desse jeito que você ainda não percebeu e aí, em seguida, a gente se beijar. Porque, pra mim, déjà vu se parece com a palavra desejo, tem uma sonoridade engraçada na língua e eu queria ver como as nossas línguas conversam.

PESSOA

Mas, então não seria déjà vu, o desejo? (ignora o comentário do beijo de propósito, mas dá um sorriso de quem gostou).

VOZ

Ele pode ser uma realidade da minha atual vontade.

PESSOA

Então é uma imaginação?

VOZ

Pode ser o presente concreto.

PESSOA

Ah é? E como se descobre?

VOZ

A gente se beija e conclui aquele quadro, pra pendurar na parede da história.

A pessoa aparente ao público se levanta, indo em direção à voz, sorrindo.

FIM

**Autora: Bárbara Pippa
Juiz de Fora – MG**

PORQUE FICAR

Lázaro, um jovem adulto, acorda lentamente em uma cama de casado. Tateia, mas se descobre sozinho. Desperta completamente.

LÁZARO

Amor? (Silêncio) Márcia?!

Ele alcança o celular. Reproduz um áudio de Márcia.

MÁRCIA (áudio)

Olá! Do jeito que você tá acordando tarde, vai escutar isso quando eu já estiver de volta da farmácia, então nem terá tempo de ficar bravo...

LÁZARO

Ah, não acredito!

MÁRCIA (áudio)

Mas estou bem protegida, viu? E outra... Com uma boa notícia! Sabe aqueles meus enjoos?

Lázaro interrompe o áudio, salta da cama e começa a se arrumar em tempo recorde. Não se sai muito bem.

LÁZARO

Você acha que pode sair enquanto eu não vigio? Pois vou dar o troco. Ou melhor, vou deixar um troco. Cara, que saudade de um bar! Afrouxou tudo agora!

Quando está prestes a sair, Márcia chega — e ela está sorrindo por baixo da máscara, mas o sorriso some aos poucos.

MÁRCIA

Que isso, Lázaro?!

LÁZARO

Você quebrou a quarentena!

Revista Fluxos

MÁRCIA

Por um bom motivo, calma lá!

LÁZARO

Pois eu vou ali e já volto.

MÁRCIA

E se eu te disser que é melhor você ficar porque...

LÁZARO

Ah, não senhora, trato é trato. Farmácia? Pra quê? Não. Você foi bater perna, que eu sei. Não tem nada que você possa dizer que me faça...

Márcia coloca as mãos sobre a barriga.

LÁZARO

Sim, senhora, vou ficar.

FIM

**Autor: Henrique Ranieri Cristóvão
São Paulo – SP**

SUJEITOS OCULTOS

PERSONAGENS: MOÇA, RAPAZ e POLICIAL.

ATO ÚNICO.

Uma moça sentada em um banco de jardim. Um rapaz se aproxima dela.

RAPAZ

Viu a mendiga que passou ali?

MOÇA

O que tem? (continua olhando para a mão) É D^a. Zefinha disfarçada. Não deve ter vendido nada no farol hoje, coitada!

RAPAZ

Bateu a carteira daquele senhor.

MOÇA

E daí? Sai da frente que tá fazendo sombra no celular, pô!

RAPAZ

Ela está lá atrás da Igreja. E nós aqui, dando uma de sujeitos ocultos.

MOÇA

E daí, meu? Estou de campana num camarada que entrou no “compra-se ouro”. Acha que vou me preocupar com uma falsa mendiga? Não empata.

RAPAZ

O cara do ouro já faz mais de dez minutos que foi embora. Está vendo? Maldita hora que deixei você ficar com esse celular. Agora, perdemos o fulano.

MOÇA

Esse trocinho aqui é hipnotizante. Ele saiu mesmo ou tu tá de sacanagem?

Revista Fluxos

RAPAZ

Tá lá ainda. Se não sou eu pra campanar! Ainda bem que somos dois.

MOÇA

E daí? Devemos ser sujeitos ocultos. Pratica a ação, mas não aparece.

RAPAZ

A gente podia assaltar a mendiga.

MOÇA

Que mendiga?

RAPAZ

Que droga de parceria é essa! Te cobri na campana do mala do ouro. Como é que vai ser se, além de cego, a gente ficar surdo? Nem ouviu o que eu falei, pô!

MOÇA

Aí, a gente usa a carteirinha de deficiente físico, né?

RAPAZ

Sem brincadeira, senão vou procurar outro parceiro. E então? Vamos roubar a mendiga que roubou o homem ou não? Ela ainda está atrás da Igreja.

MOÇA

Meu, a coitada só se traveste de mendiga quando não vende os seus panos de pratos. Tem dois filhos pra criar. Marido na cadeia. É uma ladra honesta e trabalhadeira. Apesar de que ladrão que rouba ladrão...

RAPAZ

Continua sendo ladrão, mesmo sendo sujeito oculto.

MOÇA

Poxa, mas roubar uma colega de profissão mais miserável que a gente. Tu tem uma pedra no lugar do coração.

RAPAZ

E tu tem merda no lugar do teu. Mas, eu vou te ensinar.

MOÇA

Ter um coração mais duro até que na nossa profissão é legal, mas também não quero ser uma besta igual tu. Pisa em todo mundo.

RAPAZ

Se tu tivesse passado pelo menos um mês na Fundação CASA, ia ter uma rocha no coração. Ou tu é honesta ou tu é ladra, pô! Quem tá no meio é porque leva vantagem de um dos lados. Vamos, senão ela vai embora.

MOÇA

Vou, mas sob protesto. Esse que eu tava de olho, tá demorando muito. Deve ter ouro de montão. Estava com um sacolão. Não vai sair tão rápido.

RAPAZ

Dá pra gente roubar a minha mendiga, voltar e roubar o teu homem.

MOÇA

Tu tá mal de investimento, hein Super-Homem? Tu quer roubar uma mendiga com uma simples carteira?! Tem visão de raio-X? Nem sabe quanto tem lá dentro.

RAPAZ

E você?! Com esse aparelhinho aí, virou uma deficiente. Isso sim.

MOÇA

Pô, meu homem vai sair com uma sacola cheia de ouro. Posso cobrir o prejuízo de D^a. Zefinha. Escuta, Neguinho, posso só concluir esse Whats?

RAPAZ

Vai, conclui, mas já vou avisando que o celular depois é só meu. Outro dia a gente rouba outro e fica com você, tá legal?

Revista Fluxos

MOÇA

Mas, só quero um se for branquinho como o daquela madame lá dos Jardins.

RAPAZ

Acabou? Mas, que diabos está escrevendo? Isso parece uma novela.

MOÇA

Tá bom, cara chato! Pronto. Só falta o kkkkkk... Reticências. Terminei.

RAPAZ

E nós também. A mendiga já saiu detrás da Igreja...kkkkkkkk...idiota!

MOÇA

Putz, não quero ser pessimista, mas o mala do ouro também acaba de virar a esquina correndo e entrou num carro que esperava. Eram profissas!

RAPAZ (chuta uma lata de lixo)

Ninguém mais vê; ninguém mais ouve, ninguém mais se concentra. Qualquer ação precisa de concentração, pombas!

MOÇA

Bota o lixo de pé, vamos! (jogando o celular no lixo. Chuta também) Maldita tecnologia! Pô, não volto mais a trabalhar, tipo honesto, nunquinha. Vender limão na feira e balas no farol. E a babaquice: "mulher bonita não paga, mas também não leva!"

RAPAZ

Esta droga de tecnologia é que acaba com nossa profissão. Hoje todos se trancam em casa. Antes era só de noite. Agora compram tudo pela Internet. Droga!

MOÇA

Ops, ouvi um barulhinho. (pega o celular do lixo) Também não é assim. Olha aí, acabo de acertar com o Magrão e a Feinha esse lance aqui, ó!

RAPAZ

Vamos logo que já estão na campana. Essa tecnologia até que é uma boa!

MOÇA

Se, por um lado perdemos os sentidos, por outro agilizamos a comunicação.

RAPAZ

Vamos formar um bando. Jesse James vai ser fichinha e vamos só...

MOÇA

Jesse James?! Vou ser a Bonnie e tu o Clyde. É mais sofisticado.

RAPAZ: *Roubar uma mendiga que roubou um velho... Tu tem razão, é fim de carreira.*

São agarrados por um policial que os observava.

O POLICIAL

Passa logo a minha parte, vamos!

MOÇA

Caraca! Começo de expediente, meu.

RAPAZ

A gente ainda nem roubou ninguém, quero dizer, nenhum ladrão.

POLICIAL

Então, vão passando o celular. Rápido!

*

RAPAZ

Viu o homem que passou ali?

MOÇA

O que tem? Que maré de azar, parça! O Magrão e a Feinha foram pegos.

Revista Fluxos

RAPAZ

Que se danem! São amadores.

MOÇA

Ainda bem que nem fomos naquele lance deles. Fiquei triste.

RAPAZ

Por causa dos babacas? Presta atenção! Estou falando do homem ali.

MOÇA

Sem celular, fiquei surda, cega, agora me sinto sem pernas, sou paralítica.

RAPAZ

O homem que roubou a carteira do velho está lá atrás da Igreja.

MOÇA

Além de paralítica, agora adquiri doença de rico: depressão. Me deixa!

RAPAZ

A gente podia assaltar o homem.

MOÇA

Não. Deve ser mais velho que a gente e ter problemas maiores que os nossos.

RAPAZ

Virou fadinha agora? Desde quando temos que roubar por ordem de idade?

MOÇA

Verdade. Somos uma microempresa com uma só finalidade: tirar dos que tiram dos outros que não deve ser nem pecado, né mesmo? Neguinho, tu podia roubar uma cadeira de rodas pra mim. A depressão ataca principalmente as pernas.

RAPAZ

Quer que pegue a do aleijadinho do bilhete de loteria, quer? Pare de frescura!

MOÇA

E precisa tratar assim uma mulher com problemas emocionais?

POLICIAL

Peraí, aonde pensam que vão? Cadê a féria de hoje?

RAPAZ

Calma, dá uma circulada por aí que já estamos com uma vítima em análise.

MOÇA (corre)

A gente não vai se livrar nunca deste cara. Não vou perder um dia de trabalho pra esse sacana, nem morta. A gente rouba o homem e corre! Deus é mais!

RAPAZ

Tá vendo? Além do dinheiro, da comida e tudo o mais, até depressão de pobre acaba logo! Deus, dai-me paciência ou uma nova parceira!

MOÇA

Jamais tu terá um espelho desenhado com eu, cara, vamos, é só olhar pra mim que tu já se vê. S'imbora, homem, deixe de ser frouxo e corre!

FIM

***Autora: Edih Longo
São Paulo – SP***

POSSO DORMIR UM POQUINHO?

A peça se passa num quarto de dormir. Rael e Júlia estão deitados na cama, no escuro. É um casal de meia idade. Ele está de short e sem camisa. Ela, de camisola. Acende-se um foco de luz sobre os dois.

RAEL

Já pegou no sono, Julinha? Tá dormindo cedo...

JÚLIA (boceja e resmunga sem olhar para ele)

Ele que me pegou...

RAEL (irônico)

Quem dorme, num fala...

Júlia se vira e olha para Rael com cara de sono.

JÚLIA

Não? E o monte de palavrão que eu ouço quando você tá sonhando?

RAEL (rindo)

Algum espírito ruim que diz. Mas quer ver tudo ficar beleza?

Rael puxa Júlia para junto de si e tenta beijá-la na boca. Ela se solta e recua.

JÚLIA

Qual é, Rael? TPM de novo?

RAEL

TPM?

JÚLIA

Tesão puro de macho. Todo homem alfa tem...

Rael pega uma máscara de pano que estava sobre a mesinha de cabeceira, ameaça colocá-la no rosto, faz uma careta e a joga longe, com raiva, enquanto fala.

RAEL

Alfa, beta, gama, tô é de saco cheio de tudo. E quer saber? Não boto mais máscara nenhuma, nem que a OMS me pague! Chega! Cansei de não ser eu, entendeu?

JÚLIA

Então vai botar camisinha nessa cara de pau? Com vaselina ou sem?

RAEL

Com a tua língua!

JÚLIA

Reza pra não ter vírus...

RAEL (com deboche)

Reza você... Santa Mídia de Cássia, me proteja, sou tua grande devota! Hoje, santinha, passei álcool em gel até na xoxota...

O foco de luz se apaga. Ouvem-se os primeiros compassos do bolero de Ravel. Depois de alguns instantes, a luz se acende e a música para. Júlia dorme, virada de costas para Rael, que começa a acariciar seus cabelos.

RAEL

Julinha... Amorzinho... Benzinho...

JÚLIA (sem se voltar para ele)

Caraca, Rael, me deixa dormir, pô...

RAEL (carinhoso)

Peguei pesado, né?

JÚLIA (virando-se ligeiramente)

Imagina... Pode até ganhar o Nobel da delicadeza!

Revista Fluxos

RAEL (enfático)

Não ia ganhar nunca, mesmo merecendo. Nobel é fake.

Júlia se senta na cama.

JÚLIA

Ah, me poupe! Mais teoria da conspiração?

RAEL

Você tem que sair do clichê, Julinha, ler gente que fala o que ninguém quer ouvir.

JÚLIA

E quem vai dominar o mundo dessa vez?

RAEL

Quem fizer primeiro a vacina contra essa fraudemia.

JÚLIA (fingindo interesse)

Sério? Pode me dizer por quê?

RAEL

Vai ter chip na primeira dose e depois mais chip de reforço.

JÚLIA (muito sarcástica)

Sabe tudo, doutor whatsapp... Quando eu virar robô, te prometo: fico acordadinha pra ouvir tuas besteiras.

RAEL

Vai zoando, vai...

JÚLIA

Só que ainda não virei. Por isso, fui! (Desaba sobre a cama como quem se desliga de tudo)

A luz mais uma vez se apaga. Ouve-se um forte estrondo. Quando a luz se acende, Rael está andando de um lado para o outro do quarto, inquieto. Ouve-se o bolero de Ravel, agora mais intensamente. Acordada, Júlia observa o nervosismo de Rael por alguns instantes. Para a música.

JÚLIA

Do TPM ao TOC o caminho é curto, querido.

RAEL

Agora é TOC, né? Cai na real, Julinha...

JÚLIA

Tolice Obsessiva Conspiratória. O caso é grave, amor...

RAEL

Essa explosão não te assustou? Assim, no meio da noite, de graça... Tô achando que foi coisa do Kim Jong-un. O maluco tem sinal verde da China.

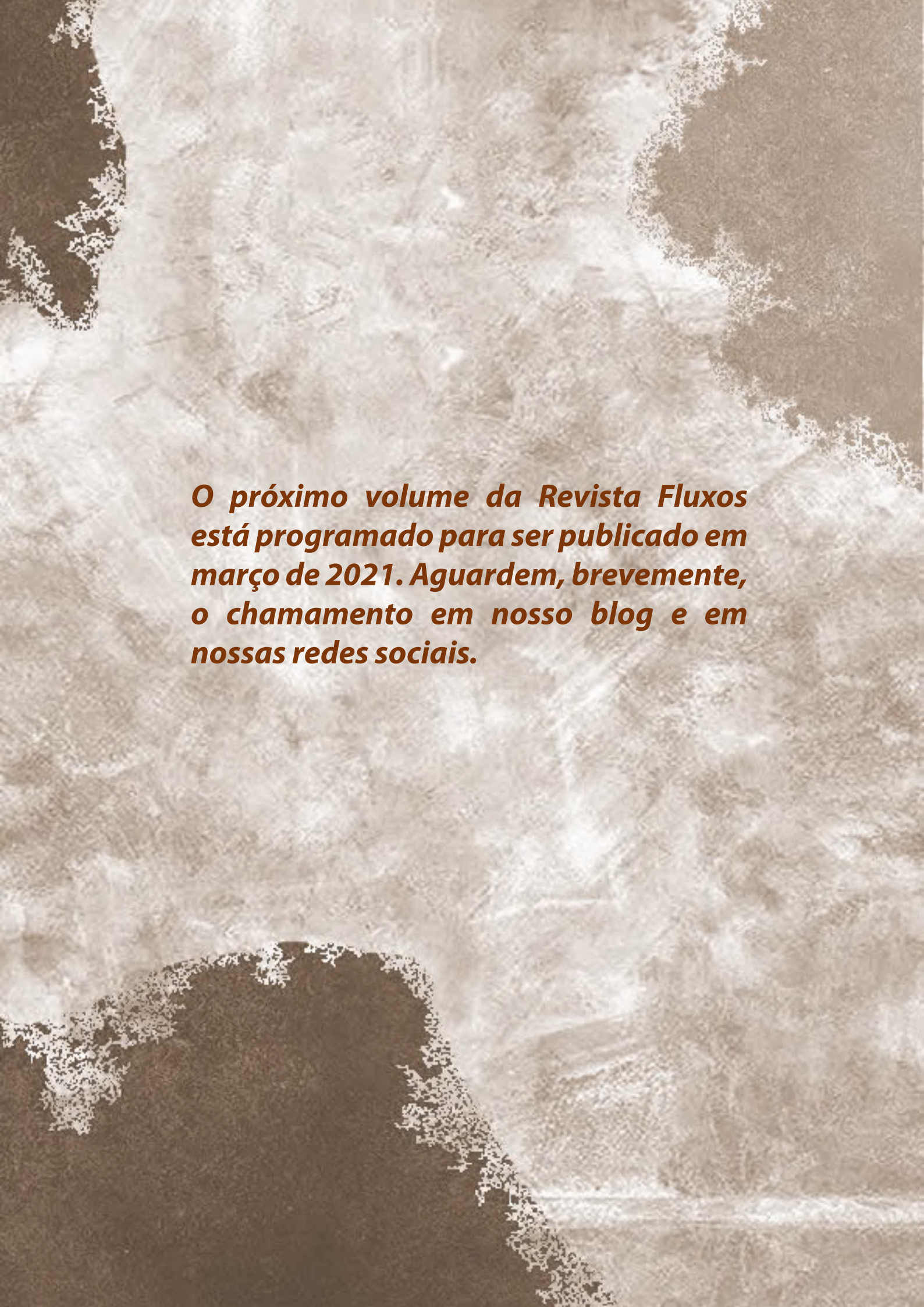
JÚLIA

Não te disseram? Foi o meteoro do fim do mundo. Caiu bem ali na esquina e abriu um buracão na Terra plana. Amanhã a gente vai lá e tapa, combinado? Mas agora, amor da minha vida... Posso dormir um pouquinho?

Apaga-se a luz.

FIM

Autor: Renato Massari
Rio de Janeiro – RJ



O próximo volume da Revista Fluxos está programado para ser publicado em março de 2021. Aguardem, brevemente, o chamamento em nosso blog e em nossas redes sociais.

***ATÉ A PRÓXIMA
EDIÇÃO!***



Blog A Liter Ação